



O Ocidente e o Sul Global: A disputa pela primazia no Sistema Internacional e a busca por uma Nova Ordem Mundial

Richard Rodrigues de Souza Silva¹
Maria Eduarda Maia dos Reis²
Evelyn Ariel Cardoso Barbosa³
Mariana Borges Neres Santana⁴
Emanuelly Araújo Ferreira⁵

Resumo

O presente trabalho busca demonstrar como a reeleição de Donald Trump intensifica as tensões históricas entre os Estados Unidos e o Sul Global, especialmente os BRICS, ao reforçar políticas protecionistas e sanções que visam conter a ascensão dessas economias. Para isso, discorre-se sobre a ascensão dos países da periferia global desde os anos 2000 e o surgimento de um movimento de negação dessa dinâmica por parte dos países Ocidentais, demonstrando a resistência americana e da União Europeia como empecilhos a reformulação da presente ordem global para um modelo mais equitativo e democrático. Assim, resultando em novas disputas econômicas e políticas, principalmente diante do acirramento da retórica trumpista e a possibilidade de intensificação de medidas que possam afetar os mercados emergentes e aprofundar a fragmentação econômica mundial.

Palavras chave: BRICS, Sul Global, Estados Unidos.

Occidente y el Sur Global: La disputa por la primacía en el Sistema Internacional y la búsqueda de un Nuevo Orden Mundial

Resumen

Este artículo pretende demostrar cómo la reelección de Donald Trump intensifica las tensiones históricas entre Estados Unidos y el Sur Global, especialmente los BRICS, reforzando las políticas proteccionistas y las sanciones destinadas a contener el ascenso de estas economías. Para ello, se discute el ascenso de los países de la periferia global desde la década de 2000 y el surgimiento de un movimiento de negación de esta dinámica por parte de los países occidentales, demostrando la resistencia estadounidense y de la Unión Europea como obstáculos para reformular el actual orden global hacia un modelo más equitativo y democrático. Esto ha dado lugar a nuevas disputas económicas y políticas, especialmente ante la retórica trumpista y la

¹Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (2025). Na mesma instituição cursa graduação e mestrado em Ciências Econômicas. richard.rodrigues.s.silva@hotmail.com

² Universidade Federal de Uberlândia. mariaed.maia21@gmail.com

³ Universidade Federal de Uberlândia. evelynacbarbosa@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Uberlândia. mariborgesns@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Uberlândia. emanuellyaraujoferreira@gmail.com

posibilidade de que se intensifiquem medidas que poderiam afetar a los mercados emergentes y profundizar la fragmentación económica mundial.

Palabras clave: BRICS, Sur Global, Estados Unidos.

The West and the Global South: The dispute for primacy in the International System and the search for a New World Order

Abstract

This paper seeks to demonstrate how the re-election of Donald Trump intensifies historical tensions between the United States and the Global South, especially the BRICS, by reinforcing protectionist policies and sanctions aimed at containing the rise of these economies. To this end, we discuss the rise of countries on the global periphery since the 2000s and the emergence of a movement to deny this dynamic on the part of Western countries, demonstrating American and European Union resistance as obstacles to reformulating the current global order towards a more equitable and democratic model. This has resulted in new economic and political disputes, especially in the face of Trumpist rhetoric and the possibility of intensified measures that could affect emerging markets and deepen global economic fragmentation.

Key words: BRICS, Global South, United States.

1. Introdução

O aumento da importância econômica dos países do Sul Global no Sistema Internacional nos últimos anos representou uma ruptura no tradicional padrão de funcionamento da economia mundial, resultando no surgimento de novos paradigmas geopolíticos. Esse fenômeno, ensejado pelo crescimento de importantes economias periféricas, resultou no questionamento da arquitetura econômica internacional vigente, buscando atribuir maior representação e poder de decisão aos países do Sul em fóruns econômicos e organizações multilaterais.

No intuito de promover o avanço dessas pautas no século XXI, foram criados diversos grupos e fóruns multilaterais do Sul Global, encabeçados por importantes economias internacionais no intuito de promover a reforma da arquitetura econômica internacional. A formação de iniciativas como o IBAS, BASIC e, principalmente, os BRICS mostraram-se fundamentais para a promoção desses objetivos no panorama internacional no decorrer dos anos.

Apesar da resistência das economias desenvolvidas – notadamente dos Estados Unidos – houve uma progressiva abertura para a atuação desses países emergentes nos fóruns multilaterais, com o mais notável sendo a alteração das cotas de representação e voto das instituições de Bretton Woods após a crise de 2008 (Cozendey, 2013). Contudo, a perspectiva

otimista gerada por esses ganhos logo foi revertida em razão da contínua intransigência das economias desenvolvidas em cederem aberturas a uma maior relevância do Sul Global nessas instituições. A possibilidade de uma maior participação dos Estados periféricos nas instituições de Bretton Woods e, posteriormente, as demandas de reforma na Organização das Nações Unidas (ONU) foram vistas, inequivocamente, como uma perda de poder relativo dos atores ocidentais em relação a seus congêneres emergentes.

Como forma de contrabalancear essas demandas, houve no ocidente – principalmente nos Estados Unidos – a busca de uma reação para coibir essas movimentações, sendo notável a partir do primeiro governo Donald Trump (2017-2020) a realização de medidas que enfraqueceram a capacidade de atuação desses países emergentes no cenário econômico internacional. Dentre as medidas aplicadas, houve – através das prerrogativas americanas – o enfraquecimento da Organização Mundial do Comércio (OMC) e a implementação de medidas protecionistas no intuito de enfraquecer as economias emergentes, buscando restabelecer a centralidade da economia estadunidense no Sistema Internacional.

Essas medidas, que foram parcialmente revertidas no governo Biden (2021-2024), voltam a ser a cotadas no novo governo de Donald Trump, com a possibilidade de que sejam implementadas novamente em um escopo ainda mais amplo, afetando não apenas os países emergentes como também as organizações voltadas a defender seus interesses. Esse espectro – até então inédito – passou a afetar os próprios BRICS, como pode ser evidenciado por recentes pronunciamentos críticos de chefes de Estado e da burocracia estatal do Ocidente em relação ao grupo e da disposição do governo Trump em impor medidas protecionistas aos países do bloco que buscassem procurar uma alternativa ao dólar.

Assim, diante desse panorama, torna-se necessário investigar a evolução da oposição do ocidente em relação aos países emergentes e aos BRICS. Para tal, se buscará observar, no presente artigo, a relação desses dois elementos desde o primeiro governo Donald Trump até 2024. Na realização dessa pesquisa, foi utilizada uma metodologia mista, recorrendo a meios qualitativos para aferir a dinâmica de relação entre esses atores, utilizando – de forma complementar – métodos quantitativos no intuito de evidenciar os impactos das medidas tomadas pelos Estados Unidos a esses atores no escopo cronológico adotado neste trabalho.

No intuito de realizar esse objetivo, o texto será composto por quatro partes, além da presente introdução. Na segunda seção, será realizado uma contextualização da crescente importância do Sul global e, principalmente, dos BRICS no Sistema Internacional, em vista da consolidação e expansão recente do grupo. Na terceira parte, buscará apresentar a crescente oposição dos países desenvolvidos em relação aos BRICS, ou seja, em relação aos objetivos e

intentos do Sul Global. Na penúltima seção, será apresentado como a reeleição do novo governo Donald Trump pode afetar a relacionamento dos Estados Unidos e do Ocidente em relação aos BRICS e aos países emergentes nos próximos anos. Por fim, em vias de conclusão, haverá a sumarização do conteúdo apresentado no desenrolar do texto.

2. Caracterização do panorama geopolítico contemporâneo

O Sul Global é um termo constantemente utilizado nos debates das Relações Internacionais para discutir um grupo de países que apesar de não possuírem semelhanças ou proximidades geográficas, compartilham de características históricas semelhantes, enfrentam desafios socioeconômicos comuns e são constantemente marginalizados das discussões globais (Hurrell *et al*, 2006; Stuenkel, 2017). Esses países são encontrados nas regiões da África, América Latina e na Ásia, e que, nos últimos anos, estão em constante movimento de “resistência” ao Norte Global, por meio de ações de “descolonização” política, social e econômica⁶, utilizando-se de movimentos, instituições ou de grupos informais como o BRICS para a realização de seus intentos (Mignolo, 2011).

A partir disso, o próprio nascimento dos BRICs como um grupo político, em 2009, foi impulsionado pelo contexto de reconfiguração geopolítica e econômica global, resultado da combinação da crise financeira de 2008 com o aumento da estabilidade e relevância econômica dos países emergentes no decorrer dos anos iniciais do século XXI (Stuenkel, 2017). A crise de legitimidade da ordem financeira e política internacional centrada no Ocidente resultou no aumento da cooperação entre as potências ascendentes, já que, ao identificarem interesses em comum, passaram não somente a cooperar em questões financeiras, mas também em áreas como educação, ciência, defesa e tecnologia.

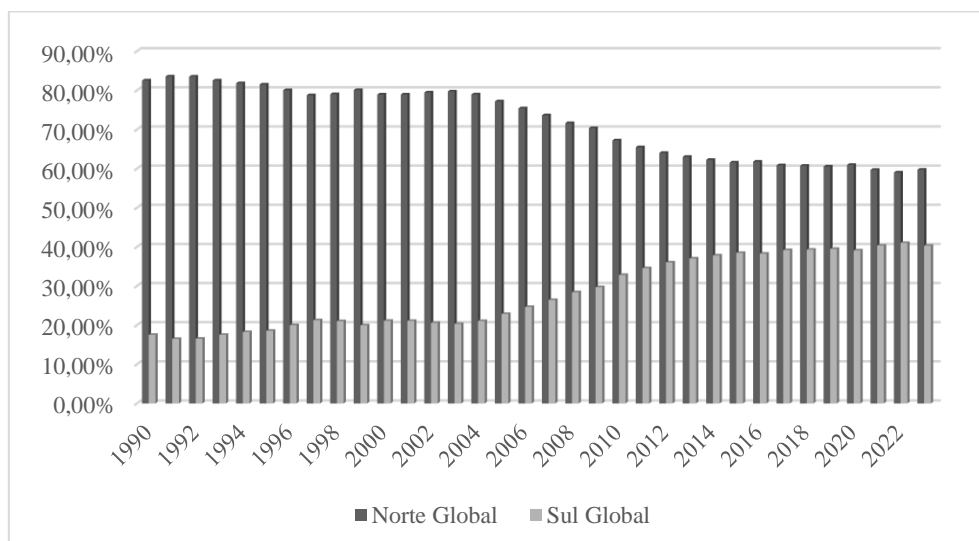
Nos últimos anos, os problemas políticos e econômicos enfrentados pelas economias da União Europeia e dos Estados Unidos, somado com a ascensão de países como a China e Índia, e à ampliação dos BRICS com a entrada de potências petrolíferas aumentou as atenções do resto do globo para resoluções tomadas dentro do bojo do Sul Global, representando uma chance de expandir a efetivação das pautas globais em favor destes e questionar o panorama mundial vigente.

⁶ Perspectiva Proposta pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, a teoria Colonialidade do Poder acredita que o padrão de dominação global que surgiu com a colonização européia no século XVI persiste até os dias atuais e busca modificar e descolonizar as estruturas e pensamentos de poder que perpetuam essa dominação.

Contudo, isso não fica limitado apenas aos BRICS, como pode ser evidenciado na reunião do G20, em 2024. Nessa reunião foram abordadas pautas acerca do combate à fome, pobreza, desigualdades sociais e a mudanças climáticas e suas consequências - observadas de forma ainda mais contundente nos países do Sul Global (GOV BRASIL, 2024). Outro ponto ainda muito presente na cúpula foi a mudança na governança global, como reformas nas instituições internacionais dentro da comunidade das Nações Unidas, para que possam refletir as realidades econômicas, políticas e sociais atuais do mundo multipolar (GOV, 2024).

Esses eventos refletem a crescente relevância econômica e política de países do Sul Global, impulsionado por uma força de trabalho e mercados internos em expansão (Stuenkel, 2017). A crescente ascendência destes países no âmbito econômico internacional interfere diretamente no cenário geopolítico mundial e abre espaço para novos debates e necessidades de países até então na periferia das discussões internacionais. A exemplo disso, temos o importante papel dos países do Sul Global no G20⁷, que representam 90% da população jovem⁸ de todo o bloco, em um momento em que muitos países na Europa passam por crise devido à baixa natalidade em seus países (De Conti et al., 2024). Essa situação apresentou uma visível alteração na dinâmica de crescimento internacional, com os países do Sul global se aproximando em sobrepujar as economias desenvolvidas, como pode ser observado abaixo, no gráfico 1.

Gráfico 1: Variação percentual do PIB dos países do Sul e do Norte Global



Fonte: Banco Mundial, 2025. Elaboração própria

⁷ Grupo criado em 1999, que buscava abarcar as 20 maiores economias do mundo naquele momento

⁸ População economicamente ativa (PEA)

Essa dinâmica, observada no gráfico 1, demonstra o aumento gradual participação do Sul Global no PIB internacional, passando a alterar a dinâmica do comércio global e outras variáveis macroeconômicas do sistema econômico mundial. Nesse sentido, no âmbito do comércio exterior houve um aumento do protagonismo em exportações de produtos alimentícios fornecidos pelo Sul Global. Com destaque para o arroz, cana-de-açúcar, trigo, carne e a soja, que vem crescendo sua comercialização desde o início dos anos 2000 (De Conti et al., 2024). Essa dinâmica, que continua a se acentuar, resultou - entre 2022 e 2023 - que a Europa reduzisse a sua participação nesse setor de 38,9% para 34,3% e os Estados Unidos de 13% para 9,6%. (De Conti et al., 2024) Quando observados os dados totais de 2023, temos uma clara primazia dos países do Sul Global nesse setor, como pode ser visto abaixo, na tabela 1.

Tabela 1: Ranking dos 10 maiores países exportadores de bens agrícolas no mundo

Países	2000	2005	2010	2022
União Europeia	38,87%	41,90%	37,40%	34,35%
Estados Unidos	12,99%	9,78%	10,53%	9,55%
Brasil	2,81%	4,13%	5,06%	6,35%
China	2,98%	3,39%	3,81%	4,43%
Canadá	6,33%	4,86%	3,85%	3,93%
Indonésia	1,41%	1,66%	2,65%	2,98%
Australia	2,99%	2,50%	2,00%	2,40%
Argentina	2,17%	2,26%	2,56%	2,37%
Índia	1,08%	1,21%	1,71%	2,35%
México	1,66%	1,48%	1,39%	2,26%

Fonte: The World Trade Organization, 2023. Elaboração própria.

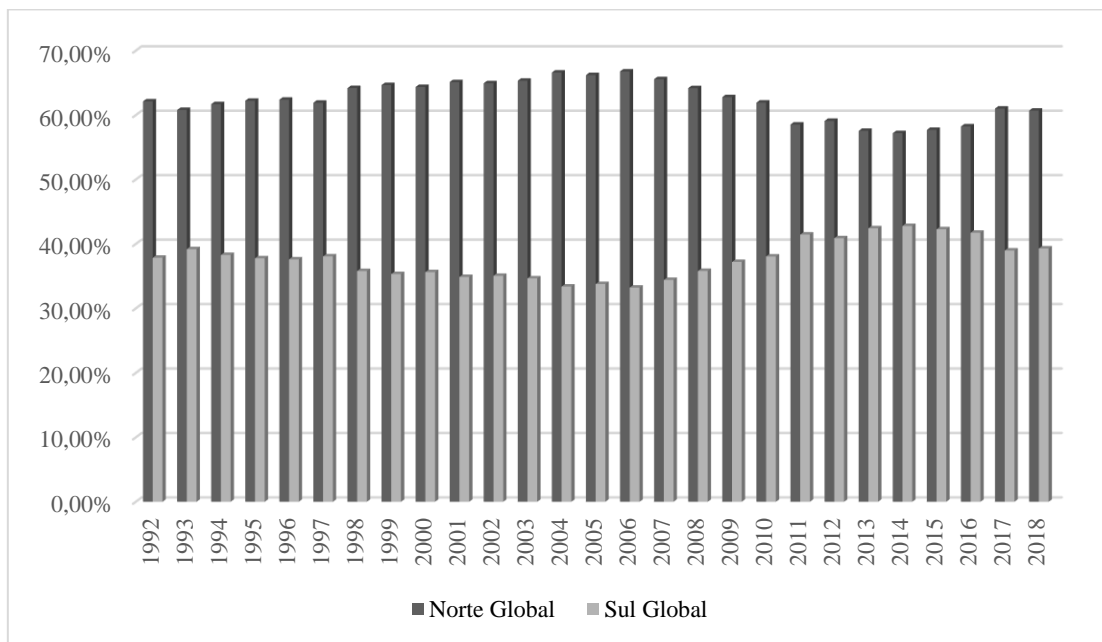
Diante dos dados da tabela 1, é possível identificar a participação majoritária do Sul global nesse segmento comercial, com a presença de sete países nesse estrato de análise em contraposição aos Estados Unidos, Canadá, Austrália e a União Europeia⁹, como representantes do Norte Global. Ainda no setor de produtos primários, houve também um grande aumento da participação de países do Sul Global no âmbito de produção energética a carvão (70% da produção mundial em 2024) em concomitância com a diversificação no modelo energético, como a hidroelétrica, eólica e solar (De Conti et al., 2024).

Além disso, quando analisado o setor secundário - afora a sua suposta vocação a economia primária - pode-se observar um crescimento na produtividade industrial dos países

⁹ Ressalta-se que a União Europeia é composta por 27 países.

do sul global nos últimos anos, com a execução de mais investimentos em industrialização como mostrado no gráfico 2 abaixo, o que contribui para a melhoria econômica nesses países além do âmbito agrícola.

Gráfico 2: Atividade econômica do Sul e do Norte Global em produção industrial de 1992 a 2018¹⁰



Fonte: Banco Mundial (2024). Elaboração própria

A Partir do gráfico 2, é possível observar que também há um aumento na produtividade industrial dos países do Sul global - apesar da diminuição recente desse indicador nos últimos anos de análise - demonstrando como se tem uma melhora dos países em desenvolvimento em termos tradicionalmente vinculados aos Estados desenvolvidos. A somatória desses indicadores apresentados acima, representa uma melhora considerável da atuação do Sul Global quando comparado aos indicadores dos países do Norte. Caso a economia dos países que fazem parte do Sul Global continuem a crescer nesse ritmo nos próximos anos, como estipulado nas projeções do FMI, os países em desenvolvimento irão superar o desempenho das economias desenvolvidas (IMF, 2024).

Assim, o crescimento do Sul Global frente às economias desenvolvidas do Norte mostra-se de extrema importância para que esses países possam buscar por mais espaço dentro dos debates internacionais e formar alianças políticas e econômicas que os ajude a aumentar

¹⁰ A adoção de uma série histórica que delonga apenas até 2018 resulta do aumento da lacuna de dados referentes aos países do Sul Global após essa data.

sua relevância em conjunto, como no caso dos BRICS, que cada vez mais ganha relevância no âmbito global.

3. A expansão dos BRICS e as suas consequências

Nessa mesma lógica de expansão da influência do Sul Global, em janeiro de 2025, o Brasil - atual presidente do BRICS - anunciou a entrada da Indonésia como membro pleno do BRICS, pouco tempo após sua inclusão como um membro parceiro durante a XVI Cúpula do BRICS (G1, 2025), juntamente com outros 13 países: Argélia, Belarus, Bolívia, Cuba, Indonésia, Cazaquistão, Malásia, Nigéria, Tailândia, Turquia, Uganda, Uzbequistão e Vietnã (DW Brasil, 2024). Anterior a isso, em agosto de 2023, no decorrer da XV Cúpula do BRICS, o bloco expandiu-se pela primeira vez desde a inclusão da África do Sul em 2011, com a integração de 5 novos países - Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã, estabelecendo o BRICS+ (Moura; Patrício, 2024). Após essas expansões, o BRICS agora configura cerca de 46% da população global e mais de 30% do PIB mundial (Banco Mundial, 2025).

As ondas de expansão do BRICS verificadas nos últimos anos demonstram um anseio mais amplo do bloco e, conseqüentemente, do Sul Global: o da remodelação da governança mundial. Expandindo a sua ambição primordial, a qual conferia o fortalecimento mútuo da política e economia de seus membros, o bloco agora busca reconfigurar a ordem vigente do sistema internacional, com o objetivo de se contrapor à hegemonia Ocidental - sobretudo os Estados Unidos e a Europa - e promover o multilateralismo, dirimindo a assimetria entre os Estados (Moura; Patrício, 2024).

Nota-se a insatisfação de longa data dos países em desenvolvimento com instituições como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, instituições criadas em um contexto geopolítico específico - pós Segunda Guerra Mundial - mas que suas operações permanecem dominadas pelo Ocidente e não se adaptam a fim de proporcionar mudanças que promovam equidade entre todos os países. Nesse contexto, o BRICS cria o Banco de Desenvolvimento (NDB) que se propõe a ser uma alternativa às instituições de Bretton Woods (Agarwal; Kumar, 2023).

O NDB surge com o objetivo de fornecer empréstimos para a realização de projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável para economias emergentes e desde 2016, quando iniciou suas atividades, o banco mostrou-se eficiente para os países que o integram (Agarwal; Kumar, 2023). O volume do portfólio de compromissos financeiros - valor referente a 2016 até

2022 - assumidos pelo Novo Banco de Desenvolvimento foi de US\$30,23 bilhões, enquanto, o total acumulado nestes mesmos anos pelo Banco Mundial foi de US\$104,37 bilhões (Annual Report, 2023).

Logo, com pouco mais de 5 anos de atividade plena e englobando uma quantidade reduzida de países, o Banco do BRICS já acumulou mais de 30% do montante alocado pelo Banco Mundial nesses anos, uma instituição consolidada há anos em atuação (Banco Mundial, 2022; Novo Banco de Desenvolvimento, 2023). Isso demonstra que, mesmo que ainda não alcance os volumes do Banco Mundial, o NBD se edificou como um potencial ator no cenário internacional, capaz de reduzir a dependência dos países periféricos nas entidades financeiras tradicionais, além de refletir o crescente protagonismo dos Estados que contemplam o Sul Global. Diante desse cenário, a realização da Cúpula de Kazan - em 2024 - adquire ainda mais relevância, uma vez que os líderes dos BRICS se reuniram no intuito de consolidar os esforços do bloco na promoção de um quadro econômico voltado à periferia do Sistema Internacional, tratando de temas como a necessidade de uma alternativa ao dólar.

Por outro lado, a ideia de reduzir a dependência do dólar americano vem se fortificando, devido, principalmente, aos riscos e inseguranças que o domínio da moeda proporciona aos países membros do bloco. Os Estados Unidos utilizam-se da moeda como um instrumento político de imposição e intimidação, ao passo que o país, com todo seu poder e influência, dita o funcionamento da política e economia mundial com base, unicamente, nos seus interesses (Valdés, 2024). Essa conjuntura, intensificada pela Guerra da Ucrânia, revelou a complexidade das relações entre os BRICS e o Ocidente. Enquanto os Estados Unidos e seus aliados europeus responderam com sanções contundentes à Rússia, membros dos BRICS como China, Índia e até mesmo Brasil adotaram posições mais ambíguas e até explicitamente críticas às ações ocidentais. Tal postura trouxe pontos centrais de tensões políticas e econômicas que provocaram o aumento de percepções negativas sobre o grupo nos países do Norte Global (Branco; Júnior, 2022).

Como consequência, a ideia de desdolarização torna-se cada vez mais atrativa e necessária. Tendo parte dos seus países vítimas desse sancionamento americano apoiado pelos países europeus, o bloco discutiu políticas para reformar as instituições financeiras internacionais. A Rússia propôs a adoção de um sistema de transações que faça oposição ao SWIFT (*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*), um sistema de comunicação de assuntos financeiros entre países. Os principais bancos russos foram banidos desse sistema em 2022 como uma medida de sancionamento em razão da Guerra da Ucrânia, o que impulsionou os interesses do Sul Global pela marcha da desdolarização (Valdés, 2024).

Outra medida que interessa os membros do BRICS é a criação de meios de pagamentos alternativos para a realização de transações entre os países. A princípio, mencionava-se da introdução de uma “moeda dos BRICS” para tal feito, no entanto, possuir uma única moeda aparentou ser ineficaz a curto prazo, tendo em vista que à heterogeneidade dos membros do bloco e a inexistência de um banco central forte dificultaria o seu sucesso. Entretanto, o bloco discute a ideia de utilização das suas moedas nacionais para a realização de transações internacionais intrabloco, que reúne o real brasileiro, o rublo russo, o renminbi chinês, a rúpia indiana e o rand sul africano, conhecido como o sistema R5. (Valdés, 2024). Além do mais, a moeda chinesa vem apresentando uma crescente nas reservas dos bancos centrais. A tabela 2, abaixo, apresenta uma comparação entre o percentual do volume das principais moedas globais nas reservas internacionais entre 2016 e 2022.

Tabela 2: Evolução da Participação das Principais Moedas nas Reservas Internacionais de Bancos Centrais (2017-2022)

Moeda	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Dólar Americano	63,53%	61,95%	61,61%	60,45%	59,24%	60,10%	59,18%	57,39%
Euro	20,06%	20,47%	20,26%	20,59%	20,52%	19,48%	19,55%	20,16%
Renminbi	1,12%	1,79%	1,95%	2,15%	2,68%	2,63%	2,37%	2,17%
Iene	4,51%	4,96%	5,57%	5,83%	5,67%	5,26%	5,47%	5,81%
Libra Esterlina	4,50%	4,49%	4,50%	4,56%	4,66%	4,56%	4,80%	4,96%

Fonte: IMF, 2025a¹¹. Elaboração própria.

A partir da tabela, pode-se inferir que o renminbi vem adquirindo uma força notória na conjuntura atual, ainda que o dólar não aparente possuir um risco de superação por nenhuma outra moeda como a maior participante nas reservas cambiais internacionais (IMF, 2025). O seu uso efetivo em transações internacionais reflete um importante passo para a internacionalização da moeda, visto que esta trata-se da primeira de um país emergente a ser integrada à cesta de moedas que compõem os Direitos Especiais de Saque (DES)¹² (Martins, 2018). Para culminar, o progressivo grau de conversibilidade que o renminbi vêm apresentando

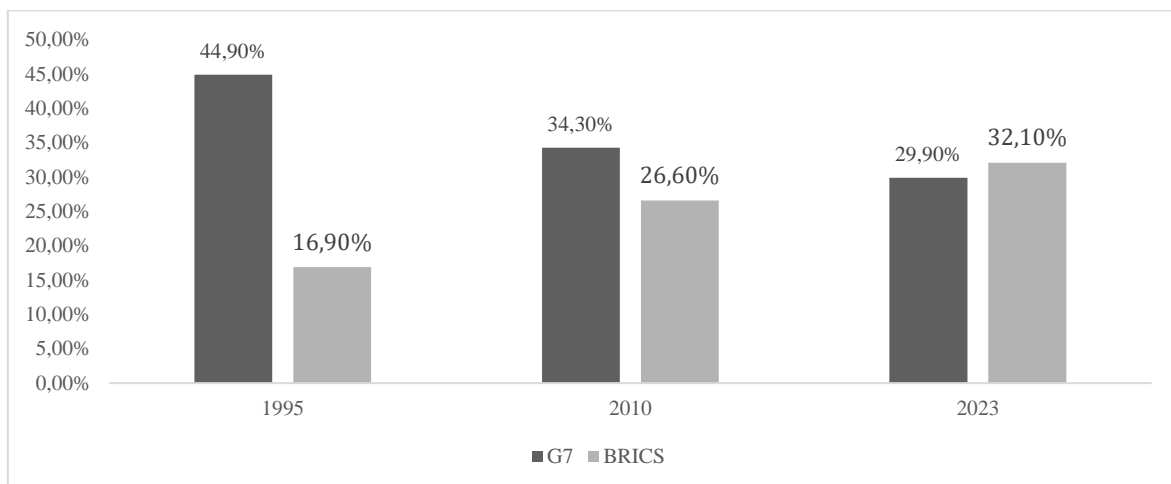
¹¹Os dados apresentados na Tabela 2 referem-se ao terceiro trimestre do respectivo ano.

¹² Ativo de reserva internacional do utilizado como complemento e facilitador das transações nacionais. Funcionam como uma “moeda internacional”, onde seu valor é baseado em uma cesta de moedas que inclui o dólar americano, o euro, o iene, a libra esterlina e o renminbi.

nos últimos anos fortalece ainda mais a cooperação econômica entre os membros do bloco, possibilitando, por exemplo, que ela se torne a principal moeda de referência no sistema R5.

Consequentemente, mais economias emergentes vêm apresentando uma aptidão às moedas não tradicionais. Ao se fazer uma análise sobre a dimensão econômica do BRICS, percebe-se uma influência crescente do bloco na economia global. O PIB baseado em paridade do poder de compra (PPC) dos países membros, quando somado, representa mais de 40% do total mundial, o consolidando como um dos principais motores do crescimento econômico da atualidade (FMI, 2025). Ademais, o valor bruto do PIB PPC do bloco supera os 40 trilhões de dólares, refletindo a sua grandiosidade no cenário que emerge (Filho, Gennari, Miglioli, 2024). Além da análise anterior, é fundamental explorar a evolução da participação PIB do bloco nas últimas décadas. O gráfico 2 demonstra a participação do BRICS no PIB mundial medido pela paridade de poder de compra (PPC) em comparação com o grupo G7, que reúne as economias globais mais desenvolvidas.

Gráfico 3: Paridade de poder de compra dos BRICS^[06] e G7 em 2024



Fonte: IMF, 2025b. Elaboração própria

A soma de forças entre esses países resulta no aumento de sua influência no sistema internacional, de modo que sua participação no PIB global por paridade de poder já ultrapassou em 2023, grupos como o G7 que representam as economias mais desenvolvidas do mundo, e de acordo as estimativas continuarão desacelerando, enquanto os BRICS tendem a avançar exponencialmente nos próximos anos (Siddiqui, 2024).

Outrossim, além dos membros originais, os novos integrantes dos BRICS possuem um papel chave para um avanço no desenvolvimento econômico do bloco - especialmente no comércio de commodities. A inclusão da Arábia Saudita, dos Emirados Árabes Unidos e do Irã

simboliza a caracterização do bloco como um uma potência petrolífera. Os três países produzem 17% de todo o petróleo bruto mundial e com isso o BRICS se torna detentor de 42% do suprimento total de petróleo e de 35% do consumo mundial (Griffin, 2024).

Dessa forma, é possível concluir que o BRICS representa uma das maiores influências do Sul Global no arranjo geopolítico contemporâneo. O bloco busca alternativas para a promoção política e econômica dos países emergentes e em desenvolvimento no sistema internacional. Certamente, o bloco enfrenta desafios, como a dependência do Ocidente que se mantém. O Brasil, por exemplo, possui relações comerciais muito fortes com os Estados Unidos e não acredita que uma postura radicalmente antiocidental seja viável. Não obstante, o potencial do BRICS é enorme, o que foi intensificado pela inclusão de novos membros, bem como pela promoção de entidades e políticas que visam moldar as relações internacionais com os países do Sul Global.

4. A reação ocidental ao Sul global

Com o crescimento dos BRICS a imagem de um Sul Global fortalecido é cada vez mais consolidada, desafiando diretamente a centralidade histórica das potências ocidentais e promovendo inquietação e reações no Ocidente. Essa expansão tem suscitado mudanças na economia global, desafiado o domínio duradouro dos países desenvolvidos. Em resposta aos avanços do Sul Global, essas economias desenvolvidas têm adotado estratégias econômicas e políticas para conter a influência desses países periféricos. Essas medidas incluem esforços para preservar seu protagonismo nas instituições globais e nos fluxos econômicos internacionais, buscando desacelerar a transição rumo à multipolaridade.

A coalizão de países que formam o Ocidente compreende apenas um décimo da população mundial, mas, em contrapartida, dominam tanto em poderio militar quanto nos sistemas econômicos e suas regras. A Organização do Atlântico Norte (OTAN), liderada pelos Estados Unidos e seus parceiros forma uma defesa militar estratégica da hegemonia Ocidental, representando quase 70% dos gastos militares mundiais (Siddiqui, 2024). A combinação da aliança entre os países europeus e os EUA solidificam sua influência e poder internacional, tanto através de sua presença militar quanto pela capacidade de desestabilizar economias e impor sanções (Siddiqui, 2024). Dito isso, embora as organizações do Sul Global, como os BRICS, tenham começado a ganhar impulso em suas estratégias econômicas, o Norte Global e suas alianças econômicas e, principalmente, militares ainda mantêm a primazia no Sistema Internacional. Nesse contexto, o Ocidente tem reagido de maneira contundente, buscando

implementar estratégias, com o intuito de preservar sua hegemonia e resistir a expansão dos países em desenvolvimento e, principalmente dos BRICS, destacando-se diversas medidas econômicas protecionistas lideradas pelos Estados Unidos, como o aumento de tarifas sobre produtos de economias emergentes, a retirada de apoio à Organização Mundial do Comércio (OMC), e o fortalecimento de cadeias produtivas regionais restritas são exemplos concretos de ações voltadas a enfraquecer a competitividade dos países do Sul Global (Williams, 2024).

No âmbito europeu o seu posicionamento varia entre a indiferença e a aversão. A ministra alemã Annalena Baerbock adotou uma postura tranquila, destacando a importância da cooperação e afirmando que seu país mantém contato com todos os países do bloco, exceto o Irã. Já Reinhard Bütikofer, dos Verdes no Parlamento Europeu, alertou que a ampliação do BRICS fortalecerá o domínio da China, tornando o grupo mais autoritário. Günther Maihold, membro sênior do Instituto Alemão de Assuntos Internacionais e de Segurança, confirmou o descontentamento:

A acusação de que o Ocidente é arrogante em relação às necessidades do Sul Global é séria. Não pode ser respondido oferecendo 'parcerias baseadas em valor' e um multilateralismo 'baseado em regras' quando o interesse dos BRICS está focado em mudar essas regras nas finanças globais, no comércio e em outros procedimentos de definição de padrões (Ferragamo, 2024).

Nesse ínterim, a imprensa ocidental revela sem amarras aquilo que os líderes tentam disfarçar, segundo o *Aftenposten*, o BRICS “(...) se tornou um clube global para líderes autoritários e reacionários, com a China e a Rússia à frente.”. No mesmo sentido, a mídia holandesa, através do jornal *NRC*, afirmou que o convite a países como Argentina, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados árabes Unidos é um verdadeiro “revés para a China” (Pieper, 2023).

À luz dessa perspectiva, na cúpula de 2022, a OTAN emitiu uma declaração de Conceito Estratégico considerando a Rússia, os BRICS e a China - e sua Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) - um risco à segurança da organização e de seus países membros (Spagnol, 2023). Os EUA adotam um tom semelhante ao da Europa sobre o avanço do Sul Global. Jake Sullivan, conselheiro de Segurança Nacional, afirmou que Washington não vê o BRICS como rival geopolítico, enquanto Janet Yellen, secretária do Tesouro, classificou a busca por alternativas ao dólar como "natural" (Ferragamo, 2024). Em contraste, Donald Trump, reeleito presidente, ameaçou os BRICS caso insistam em criar uma moeda alternativa. Na Conferência APPEC, Russell Hardy, CEO da Vitol, afirmou que as sanções à Rússia fortaleceram os laços do BRICS, evidenciados pela inclusão de potências petrolíferas como Arábia Saudita e Emirados Árabes (Lee, 2023).

Em junho de 2023, o jornal L'Opinion noticiou que Emmanuel Macron demonstrou interesse em participar da cúpula do BRICS na África do Sul, solicitando a presença de Cyril Ramaphosa, presidente sul-africano. No entanto, o pedido não foi bem recebido por todos os membros (*Think Brics*, 2023). Em agosto, Macron comentou sobre a expansão do BRICS, alertando para uma possível "fragmentação do mundo" e a construção de uma "ordem alternativa". A reação da França reflete o dilema ocidental: engajar-se com novas coalizões sem comprometer seus interesses estratégicos (Korybko, 2023).

A imposição de tarifas dos EUA como forma de enfraquecer o Sul Global, já se tornou realidade com a posse de Donald Trump em 2025. Em especial, as tarifas em direção a China, de 60% sobre todas as importações provenientes desta, a revogação das Relações Comerciais Normais Permanentes (PNTFO) e uma tarifa adicional de 10% sobre todas as importações (Williams, 2024). Outras medidas como as tarifas sobre certos automóveis do México e possivelmente de outros parceiros comerciais, refletem o agravamento de uma guerra tarifária e comercial que os Estados Unidos se dispuseram a travar.

Essas medidas representam um agravamento do posicionamento protecionista histórico dos Estados Unidos em relação aos países do Sul Global¹³. Entre essas e outras medidas reflete-se as diversas tentativas de contenção por parte do Norte Global aos países periféricos. A Organização Mundial do Comércio (OMC) enfrenta desafios significativos devido à paralisação de seu Órgão de Apelação, resultado da não nomeação de novos membros pelos Estados Unidos¹⁴. Essa situação compromete a capacidade da OMC de resolver disputas comerciais de maneira eficaz, afetando especialmente as nações em desenvolvimento que dependem da organização para contestar práticas comerciais desleais. A ausência de um mecanismo de apelação funcional enfraquece a posição dos países do Sul Global no cenário comercial internacional.

Esse panorama, já prejudicial ao Sul Global, tem o potencial de se agravar ainda mais a partir da reeleição de Donald Trump à presidência dos EUA, intensificando a resistência

¹³ Contudo, cabe ressaltar que essa postura não é inédita. Essencialmente no caso brasileiro, o fenômeno mais recente dessa postura protecionista, ainda no governo Biden, refere-se a intimação do Departamento de Justiça dos Estados à fabricante sueca Saab a fornecer informações sobre a venda de 36 caças Gripen ao Brasil, em um contrato firmado em 2014, no valor de US\$ 5,4 bilhões (Reuters, 2024). Essa solicitação - supostamente vinculada à escolha brasileira de não fazer a aquisição do F-16 americano - está sendo justificada em razão de investigações anteriores no Brasil que alegavam possível tráfico de influência na negociação.

¹⁴ Apenas os Estados Unidos têm a prerrogativa de bloquear a nomeação de juízes do Órgão de Apelação da OMC na prática, pois as decisões da organização exigem consenso entre todos os seus membros. Desde 2017, os EUA vêm sistematicamente impedindo novas nomeações, o que paralisou o funcionamento do órgão e comprometeu o sistema de solução de controvérsias da OMC (Martin, 2019).

ocidental à desdolarização e à autonomia financeira. As críticas ao BRICS refletem a preocupação do Norte Global, enquanto o Sul Global busca redefinir sua posição. As potências ocidentais, por sua vez, adotam estratégias para manter sua influência no sistema econômico global.

5. O posicionamento do novo governo Trump

Ao tratar do posicionamento do novo governo de Donald Trump perante os BRICS, é necessário contextualizar sua política externa, iniciando com uma breve recapitulação de seu primeiro mandato (2017-2020). Durante esse período, a política externa de Trump foi marcada pelo protecionismo e pelo lema “*America First*”, que visava reafirmar a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos no Sistema Internacional. Para o então presidente, essa hegemonia vinha sendo ameaçada pelo fortalecimento de potências emergentes e blocos multilaterais, como o BRICS (Janush; Mucha, 2017). A política externa de Trump em seu primeiro governo foi marcada por uma visão que as relações econômicas globais operam como um jogo de soma zero - onde o ganho dos EUA depende diretamente da perda de outro país (Janush; Mucha, 2017). Essa postura tornou-se evidente não apenas nas medidas tarifárias contra parceiros comerciais como a China e o Brasil, mas também durante a pandemia de COVID-19. Durante a primeira gestão de Donald Trump, também foi possível observar uma preferência por acordos bilaterais, estratégia que buscava conter a influência chinesa e maximizar os ganhos comerciais estadunidenses. Isso ficou claro com a retirada norte-americana do Acordo de Parceria Transpacífica (TPP), demonstrando o desinteresse em iniciativas multilaterais e a priorização de iniciativas diretas que favorecessem os interesses norte-americanos (Chong, 2017).

Feito essa breve digressão, para o entendimento do novo mandato de Donald Trump, previsto para o período de 2025 a 2028, é imprescindível abordar os pilares de sua campanha e as promessas feitas para a gestão. O lema “*America First*”¹⁵ continua como base de sua política externa, o que deverá moldar sua postura em relação a alianças e blocos multilaterais que não estejam alinhados aos seus interesses para os Estados Unidos. O novo governo está preocupado com a desdolarização, especialmente com a criação da “Nova Moeda BRICS” e o uso de

¹⁵ Lema utilizado na primeira gestão de Trump e que volta a ser centro de seu novo governo que busca reafirmar a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos no Sistema Internacional.

moedas locais, como Rublo e Renminbi, para diminuir a dependência do dólar (Sandi, 2022). Trump vê isso como uma ameaça à hegemonia do dólar e, em seu primeiro mandato, usou sanções contra China e Irã para proteger os interesses dos EUA (Reis, 2024). Em sua nova gestão, reafirma o compromisso de manter o dólar como moeda de reserva mundial, destacando isso em sua campanha e na rede social "Truth Social".

Além disso, o posicionamento dos BRICS e outros países do Sul Global em relação a eventos globais como a Guerra na Ucrânia, contribuiu para o desalinhamento desses países com os interesses dos EUA. Ações do bloco como, a abstenção da condenação da Rússia por anexação de territórios ucranianos nas Nações Unidas ou a Declaração de Kazan contento apenas 1 item acerca do conflito na Ucrânia entre 136, refletem não apenas uma aproximação estratégica do Sul Global, mas também como uma tentativa de consolidar uma governança global multipolar (Brasil, 2024b). Nesse cenário, torna-se provável que os EUA passem a considerar não apenas os BRICS, mas outros países do Sul Global como potenciais atores que desafiem sua liderança geopolítica.

Essa postura abrange qualquer outra economia que cogite ações que possam promover práticas comerciais e enfraquecer a centralidade do dólar americano. Essa preocupação se reflete diretamente no comércio bilateral entre os Estados Unidos e os membros do BRICS, bem como os novos integrantes e associados do grupo, conforme demonstrado nas tabelas 5 e 6 abaixo. Eles evidenciam as relações comerciais entre os EUA e os diferentes grupos do bloco:

Tabela 5 - Exportações dos membros do BRICS¹⁶ e associados para os EUA (2019-2023)

Países	2019	2020	2021	2022	2023
BRICS					
Brasil	USD 36.634.703.276	USD 29.722.494.769	USD 41.502.926.649	USD 54.328.385.674	USD 40.190.737.125
Rússia	USD 13.429.006.999	USD 13.213.390.421	USD 17.265.493.914	N/D	N/D
Índia	USD 34.917.971.764	USD 26.615.672.619	USD 41.386.816.406	USD 51.772.470.812	USD 42.116.442.606
China	USD 123.792.114.896	USD 136.339.520.982	USD 179.753.262.865	USD 178.956.829.551	USD 165.157.213.513
África do Sul	USD 5.782.974.352	USD 4.436.284.298	USD 6.576.139.997	USD 8.203.563.365	USD 9.200.012.423
BRICS+					
Egito	USD 5.024.088.337	USD 4.791.483.934	USD 6.407.994.670	USD 6.953.219.608	USD 5.397.644.502
Emirados Árabes Unidos	USD 20.020.604.981	USD 16.518.724.488	USD 16.876.600.237	USD 21.415.361.859	USD 26.869.233.420
Etiópia	USD 843.847.117	USD 718.359.980	USD 1.168.347.054	USD 1.102.891.784	USD 1.080.898.776
Irã	USD 136.642.470	USD 79.838.962	USD 97.708.018	USD 87.651.076	N/D
Indonésia	USD 9.319.161.007	USD 8.641.916.207	USD 11.308.706.993	USD 11.682.890.847	USD 11.337.694.391
Arábia Saudita	USD 18.974.752.870	USD 14.103.514.647	USD 16.216.554.387	USD 17.401.399.821	USD 18.901.072.633
Associados					
Argélia	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Bolívia	USD 453.955.997	USD 313.561.798	USD 545.674.234	USD 372.496.502	USD 251.545.693
Belarus	USD 192.823.800	USD 176.014.100	USD 171.499.100	N/D	N/D
Cazaquistão	USD 894.812.003	USD 390.281.983	USD 762.765.741	USD 1.063.335.726	USD 1.509.870.177
Malásia	USD 23.342.307.248	USD 25.984.205.303	USD 34.366.250.028	USD 38.025.492.595	USD 35.455.220.163
Nigéria	USD 2.822.001.614	USD 1.081.535.154	USD 2.002.265.067	USD 4.408.411.704	USD 4.860.249.603
Vietã	USD 61.403.966.393	USD 77.072.438.528	USD 96.327.539.433	USD 109.459.565.524	N/D
Tailândia	USD 31.424.217.062	USD 34.466.062.065	USD 42.024.484.128	USD 47.642.137.632	USD 48.475.414.121
Turquia	USD 8.978.309.174	USD 10.183.542.167	USD 14.721.817.410	USD 16.886.139.272	USD 14.880.287.289
Uganda	USD 47.495.050	USD 58.391.557	USD 76.940.481	USD 91.795.393	USD 88.709.607
Uzbequistão	USD 5.845.895	USD 9.556.035	USD 20.173.096	USD 16.552.078	USD 61.734.204
Cuba	USD 41.079	USD 33.038	USD 725.603	USD 1.917	N/D

Fonte: UN Comtrade, 2025. Elaboração própria.

Tabela 6 - Importações dos membros do BRICS e associados para os EUA (2019-2023)

Países	2019	2020	2021	2022	2023
Importações					
BRICS					
Brasil	USD 29.860.026.918	USD 21.618.696.854	USD 31.337.515.819	USD 38.147.322.478	USD 37.451.904.934
Rússia	USD 13.189.241.130	USD 10.958.393.456	USD 17.747.760.835	USD 0	USD 0
Índia	USD 54.288.194.269	USD 49.320.596.192	USD 71.510.497.450	USD 80.230.193.280	USD 75.805.285.416
China	USD 419.322.648.638	USD 452.492.876.334	USD 568.174.902.455	USD 582.756.110.047	USD 501.220.722.660
África do Sul	USD 6.261.591.539	USD 7.131.494.411	USD 12.974.206.362	USD 10.728.398.003	USD 8.319.539.966
BRICS+					
Egito	USD 5.024.088.337	USD 718.359.980	USD 6.407.994.670	USD 6.953.219.608	USD 5.397.644.502
Emirados Árabes Unidos	USD 20.020.604.981	USD 8.641.916.207	USD 16.876.600.237	USD 21.415.361.859	USD 26.869.233.420
Etiópia	USD 843.847.117	USD 718.359.980	USD 1.168.347.054	USD 1.102.891.784	USD 1.080.898.776
Irã	USD 136.642.470	USD 79.838.962	USD 97.708.018	USD 87.651.076	USD 0
Indonésia	USD 9.319.161.007	USD 8.641.916.207	USD 11.308.706.993	USD 11.682.890.847	USD 11.337.694.391
Arábia Saudita	USD 18.974.752.870	USD 14.103.514.647	USD 16.216.554.387	USD 17.401.399.821	USD 18.901.072.633
Associados					
Argélia	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Bolívia	USD 636.585.334	USD 571.535.627	USD 580.201.184	USD 1.127.683.927	USD 781.704.590
Belarus	USD 476.900.400	USD 460.057.400	USD 401.459.800	USD 0	USD 0
Cazaquistão	USD 1.361.559.802	USD 401.702.932	USD 421.245.315	USD 527.548.239	USD 2.556.763.289
Malásia	USD 16.583.182.453	USD 16.594.009.668	USD 18.079.868.273	USD 22.829.665.613	USD 19.528.114.543
Nigéria	USD 4.678.026.150	USD 5.024.492.704	USD 3.178.638.657	USD 3.376.406.684	USD 4.039.949.909
Vietã	USD 14.376.810.729	USD 13.763.931.187	USD 15.179.120.792	USD 14.477.068.060	USD 0
Tailândia	USD 17.386.099.876	USD 14.916.650.963	USD 14.462.934.495	USD 17.842.073.898	USD 19.440.596.402
Turquia	USD 11.847.469.538	USD 11.525.369.733	USD 13.147.626.993	USD 15.228.184.616	USD 15.779.737.081
Uganda	USD 132.987.989	USD 147.581.399	USD 171.890.617	USD 258.227.974	USD 220.174.728
Uzbequistão	USD 498.020.796	USD 212.146.964	USD 282.946.215	USD 273.741.534	USD 416.502.558
Cuba	USD 308.311.049	USD 196.151.312	USD 371.005.035	USD 449.946.198	USD 0

Fonte: UN Comtrade. Elaboração própria.

¹⁶ - A Arábia Saudita ainda não aceitou formalmente o convite para se integrar como membro do BRICS

As tabelas mostram que, em 2023, as exportações dos EUA para os BRICS (sem considerar os associados) somaram quase US\$670 bilhões (tabela 6). A possível taxação de 100% proposta por Donald Trump, caso o bloco reduza o uso do dólar, agravaria as tensões comerciais e poderia fortalecer o comércio interno dos BRICS. Por outro lado, as exportações dos BRICS para os EUA, embora menores, chegaram a aproximadamente US\$320 bilhões (tabela 5). Isso indica que, caso o grupo optasse por retaliar, o impacto sobre as importações norte-americanas também seria significativo, tornando as taxações bilaterais prejudiciais para ambos os lados.

Em seu discurso de posse em 20 de janeiro de 2025, o presidente destacou sua prioridade em fortalecer a indústria nacional, reduzindo a dependência dos Estados Unidos de importações (CNN, 2025a). Por meio dessas ações, Trump visa reverter políticas como a obrigatoriedade de veículos elétricos, limitando a expansão desse mercado nos Estados Unidos, favorecendo montadoras americanas e reduzindo as importações chinesas já prejudicadas com as taxações em 100% de seus veículos no governo Biden. Essa medida está diretamente alinhada com outra de suas propostas, a de número quatro¹⁷, que busca tornar a nação norte-americana uma das maiores produtoras de energia - petróleo e gás natural - do mundo (TRUMP, s.d.). Essa nova política energética é uma busca de Trump de garantir autonomia energética e evitar a dependência dos EUA de outros exportadores, como os países do Sul Global, dentre eles México, China, Brasil, Iraque, Índia e Colômbia (United States, 2025). No entanto, essa política energética enfrenta desafios internacionais, especialmente devido às preocupações climáticas. A saída do Acordo de Paris, anunciada logo no início de sua gestão, reflete a prioridade do presidente em defender os interesses estadunidenses acima de tudo, mesmo em um isolamento internacional em questões ambientais e a promoção da degradação das condições de existência dos países do Sul global, em função da sua elevada fragilidade em relação às mudanças climáticas (Sessa; Obregón, 2020).

Afora a questão climática, quando observadas as posturas regionais dessa nova gestão, observa-se a continuidade da busca da maximização das vantagens estadunidenses em detrimento dos interesses regionais dos países em desenvolvimento. No âmbito da ASEAN - por exemplo - que enfrenta desafios para manter a coesão¹⁸, a administração do novo presidente americano poderá explorar essas divisões para firmar acordos individuais, o que limitaria o poder do bloco.

¹⁷ “make America the dominant energy producer in the world, by far!”

¹⁸ A falta de coesão é dada por países da região continental como Laos, Camboja e Myanmar mais ao lado da China e nações costeiras com disputas territoriais com o Mar da China Meridional.

Quando se trata especificamente sobre a América Latina, Trump mantém uma visão ambivalente ao ser questionado por uma jornalista brasileira enquanto assinava os decretos no dia de sua posse, a respeito da relação com a América Latina, declarou: “Ótima. Deve ser ótima. Eles precisam de nós muito mais do que nós deles. Nós não precisamos deles, eles precisam de nós. Todo mundo precisa de nós.” (CNN Brasil, 2025b). Esse comentário reflete a visão do novo presidente de que os Estados Unidos são indispensáveis aos países latino-americanos. Enquanto o presidente americano mantém uma postura amigável, convidando líderes como Javier Milei da Argentina, e Nayib Bukele, de El Salvador para sua posse, ação não costumeira em tais eventos (Ventas, 2025), e até elogiando o primeiro em suas redes sociais, mantém uma postura rígida em relação ao México e outras nações. Propostas de fechamento de fronteiras, deportações em massa e combate ao crime organizado dominam sua agenda, como fez questão de enfatizar em sua rede oficial da “*Truth Social*” uma conversa com a nova presidente mexicana. Adicionalmente, o presidente em suas últimas falas e em seu discurso de posse afirmou que irá renomear o “Golfo do México” para “Golfo da América”, referindo-se ao local como parte dos Estados Unidos e não do continente americano, o que demonstra um sentimento de domínio sobre a região. Outro ponto de tensão na América é o Canal do Panamá, no qual Donald Trump prometeu que irá reaver e demonstrou certo descontentamento com a presença chinesa na região

Somado a isso, ainda se há a necessidade em citar o Oriente Médio como pertencentes do Sul Global, primeiramente no quesito do conflito Israel-Hamas, que fez parte do discurso de posse de Trump ao se vangloriar de “Meu legado de maior orgulho será o de um pacificador e unificador. É isso que eu quero ser, um pacificador e um unificador. Estou feliz em dizer que, desde ontem, um dia antes de eu assumir o cargo, os reféns no Oriente Médio estão voltando para casa para suas famílias” (CNN, 2025c). Além disso, a situação também foi citada em suas propostas governamentais duas vezes, começando na de número oito¹⁹, em que fala da restauração da paz no Oriente Médio, junto com a criação de uma “*iron dome missile defense*” e a de número dezoito²⁰ que visa deportar os radicais pró-hamas (Trump, s.d.). O segundo aspecto desta região trata-se da Arábia Saudita. Em seu primeiro governo Trump adotou uma política de aproximação com a Arábia Saudita, tendo em 2017 realizado uma visita a ela e a Israel, além de adotar um posicionamento isolacionista com o Irã (Zacchi, 2018)²¹. Contudo, a

¹⁹ “Prevent world war three, restore peace in europe and in the middle east, and build a great iron dome missile defense shield over our entire country -- all made in america”

²⁰ “Deport pro-hamas radicals and make our college campuses safe and patriotic again”

²¹ Durante esse período foram realizados acordos comerciais de armamentos em valores de US\$ 110 bilhões, demonstrando o compromisso norte-americano em apoiar os sauditas na competição regional com os iranianos

provável entrada da Arábia Saudita dos Emirados Árabes Unidos como membros do BRICS+ pode vir a apresentar um novo desafio à hegemonia estadunidense na região. Embora Trump tenha estabelecido laços no passado, essa mudança de alinhamento geopolítico pode reduzir a capacidade dos EUA de controlar dinâmicas de poder no Oriente Médio.

Por fim, a política externa de Trump perante o continente africano é marcada por um desinteresse inicial do norte-americano em seu primeiro mandato, sendo caracterizado pelo corte de financiamentos que afetou áreas da saúde pública, desenvolvimento e governança (Stremlau, 2017). No mesmo período, optou também por uma abordagem de segurança e contraterrorismo, tendo como foco a atuação militar em regiões estratégicas como o Sahel e o Chifre da África, importantes rotas comerciais, reservas de recursos naturais e com a presença de grupos extremistas como Al-Shabaab e Boko Haram (Stremlau, 2017). Porém, a falta de esforços diplomáticos para adentrar nas causas estruturais, como a pobreza e a desigualdade, limitou o impacto de suas ações. A saída dos EUA do Acordo de Paris em 2017 e os cortes em programas sociais aumentaram a vulnerabilidade climática na região, reduzindo a percepção positiva do país em Senegal e África do Sul (Stremlau, 2017). A nova retirada do acordo em 2025 reforça a visão de Trump sobre a África como um espaço de contenção de ameaças. No entanto, a presença da África do Sul no BRICS pode despertar interesse, dependendo do posicionamento do bloco.

6. Conclusão

Do exposto no decorrer do texto, é possível identificar um progressivo ganho de importância dos países do Sul Global no Sistema Internacional, desafiando a preponderância dos países desenvolvidos na economia global. Essa dinâmica, que perpassa não só pelo crescimento econômico individual dos países emergentes, mas também pela sua articulação em fóruns multilaterais no âmbito internacional, mostra-se cada vez mais como um desafio aos preceitos da atual arquitetura econômica vigente no mundo.

A ascensão dos BRICS, principalmente a partir da entrada de novos Estados membros em 2023 e 2024, demonstra o crescimento da busca de uma via alternativa à atual ordem global no Sistema Internacional, que enfrenta - em termos econômicos, políticos e comerciais - os países historicamente detentores da primazia internacional. Essas movimentações, por mais legítimas que sejam, despertam uma crescente oposição dos Estados do Norte Global,

(Zacchi, 2018)

principalmente dos Estados Unidos, que veem seu poder relativo diminuindo em função dessa conjuntura de articulação entre os países do Sul.

A atuação de atores como Trump - em ambos os seus mandatos - demonstram claramente a intransigência em que o Ocidente pretende enfrentar os anseios Sul Global, mostrando uma postura conflituosa, que afeta principalmente países como a China e demais Estados que possuem amplas relações comerciais com Washington. Esse panorama de contenção do Sul Global - que se arrefeceu durante a gestão Biden - voltou a se incrementar com a segunda eleição presidencial de Donald Trump, podendo, potencialmente, representar uma postura punitivista ainda maior com o Sul Global em sua busca por maior relevância internacional.

Referências

AGARWAL, Manmohan; KUMAR, Sushil. **BRICS Countries' Increasing Role in the World Economy, Including Institutional Innovation**. 2. ed. Nova Deli: BRICS Journal of Economics, 2023. p. 173-191.

ANNUAL REPORT 2022: **Building a Leading Development Bank for Emerging**. New Development Bank, 2023. Disponível em: <https://www.ndb.int/annual-report-2022/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

BANCO MUNDIAL. **GDP (current US\$)**. 2025. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD>. Acesso em: 25 de mar. 2025.

BRANCO, Giovana; JÚNIOR, Laerte. The BRICS countries and the Russia-Ukraine conflict. 3. ed. Belo Horizonte: Carta Internacional, 2022. v. 17. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/download/1286/925/6016>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BRASIL. **Após 30 anos, EUA revogam medida antidumping contra aço brasileiro**. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, 16 jan. 2024a. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/apos-30-anos-eua-revogam-medida-antidumping-contra-aço-brasileiro>. Acesso em: 19 jan. 2025.

BRASIL. **XVI Cúpula do BRICS - Kazan, Rússia, 22 a 24 de outubro de 2024 - Declaração Final**. Ministério de Relações Exteriores, 23 out. 2024b. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/xvi-cupula-do-brics-2013-kazan-russia-22-a-24-de-outubro-de-2024-declaracao-final. Acesso em: 27 jan. 2025.

BRICS. **Novo Banco de Desenvolvimento. 2025**. Disponível em: <https://brics.br/pt-br/sobre-o-brics/novo-banco-de-desenvolvimento-ndb>. Acesso em: 25 de mar. 2025

BUENO, Guilherme. **O G20 no Brasil: Ambições, Contribuições e o Papel do Sul Global.** Relações Exteriores, [s. l.], 18 nov. 2024. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/o-g20-no-brasil-ambicoes-contradicoes-e-o-papel-do-sul-global/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CHONG, Ja Ian. **Deconstructing Order in Southeast Asia in the Age of Trump.** Contemporary Southeast Asia, v. 39, n. 1, p. 29-35, abr. 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44683880>. Acesso em: 22 jan. 2025.

CNN BRASIL. **Donald Trump discursa após tomar posse; Veja discurso na íntegra |** CNN na posse de Trump. YouTube, 20 de janeiro de 2025a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IF7SDyW7wMA>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CNN BRASIL. **Trump diz que relação com o Brasil deve ser ótima | LIVE CNN.** YouTube, 21 de janeiro de 2025b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4g4me5HMYc>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CNN. **Leia o discurso de posse de Donald Trump na íntegra.** CNN Brasil, 20 jan. 2025c. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/leia-o-discurso-de-posse-de-donald-trump-na-integra/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

COZENDEY, Carlos Márcio B. **Instituições de Bretton Woods.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013.

DE CONTI, Bruno; WELLE, Athur; SALIBA, Clara. **O momento do Sul Global: oportunidades para a presidência brasileira no G20.** Notas de Política Econômica, Made-Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades FEA/USP, p. 1-9, 1 dez. 2023. Disponível em: <https://madeusp.com.br/publicacoes/artigos/npe-47-o-momento-do-sul-global-oportunidades-para-a-presidencia-brasileira-no-g20/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

DW BRASIL. **BRICS critica "sanções ilegais" e convida 13 novos países.** 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brics-critica-san%C3%A7%C3%B5es-ilegais-e-convida-13-pa%C3%ADses-para-a-alian%C3%A7a/a-70580138>. Acesso em: 09 jan. 2025.

FERRAGAMO, Mariel. **What Is the BRICS Group and Why Is It Expanding?.** Disponível em: <https://www.cfr.org/background/what-brics-group-and-why-it-expanding#chapter-title-0-9>. Acesso em: 13 jan. 2025.

FILHO, Paulo; GENNARI, Adilson; MIGLIOLI, Paulo. **O Brasil e o BRICS Plus na nova fase da (des) globalização multipolar.** 11. ed. São Paulo, Campinas, Recife: Revista Fim do Mundo, 2024. p. 24-47.

GEO, David. **The BRICS and the Changing Global Order.** International Politics Review, 2024. Disponível em: <https://iprjournal.com/BRICS>. Acesso em: 10 jan. 2025.

GOV BRASIL. **XVI Cúpula do BRICS – Kazan, Rússia, 22 a 24 de outubro de 2024 - Declaração Final.** 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/xvi-cupula-do-brics-2013-kazan-russia-22-a-24-de-outubro-de-2024-declaracao-final#:~:text=1.,e%20a%20seguran%C3%A7a%20globais%20justos%22. Acesso em: 25 de mar. 2025.

GRIFFIN, Rosemary. **BRICS expansion could see more downstream oil investment:** analyst. S&P Global, 2024. Disponível em: <https://www.spglobal.com/commodity-insights/en/news-research/latest-news/crude-oil/020124-brics-expansion-could-see-more-downstream-oil-investment-analyst>. Acesso em: 11 jan. 2025.

GRIFFIN, Rosemary. Infographic: **BRICS expansion creates oil producer, consumer supergroup.** S&P Global, 2024. Disponível em: <https://www.spglobal.com/commodityinsights/pt/market-insights/latest-news/oil/020124-infographic-brics-expansion-creates-oil-producer-consumer-supergroup>. Acesso em: 25 de mar. 2025.

HURRELL, Andrew. **Os BRICS e a ordem global.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. IMF. **Currency composition of official foreign exchange reserves.** 2025a Disponível em: <https://data.imf.org/?sk=e6a5f467-c14b-4aa8-9f6d-5a09ec4e62a4>. Acesso em: 25 de mar. 2025

IMF. **GDP, current prices.** International Monetary Fund, 2025b. Disponível em: <https://www.imf.org/external/datamapper/PPPGDP@WEO/OEMDC/ADVEC/WEOWORLD>. Acesso em: 25 de mar. 2025.

IMF. **IMF Adds Chinese Renminbi to Special Drawing Rights Basket.** International Monetary Fund, 2016. Disponível em: <https://www.imf.org/en/News/Articles/2016/09/29/AM16-NA093016IMF-Adds-Chinese-Renminbi-to-Special-Drawing-Rights-Basket>. Acesso em: 19 jan. 2025.

JANUSH, Holger; MUCHA, Wiltod. America First: Power and Geopolitics in US Trade Policy under President Trump. *Sicherheit Und Frieden*, v. 35, n. 3, p. 110-114, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26428648>. Acesso em: 16 fev. 2025.

LEE, Ying Shan. **Western sanctions on Russia could push the BRICS alliance closer.** CNBC, 11 set. 2023. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2023/09/11/western-sanctions-on-russia-could-push-the-brics-alliance-closer-appec.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LIOW, Joseph Chinyong. **U.S.–Southeast Asia Relations under the Trump Administration.** Asia Policy, n. 24, p. 53-58, jul. 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26403201>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MARTINS, Aline. **A inclusão do renminbi na cesta de moedas dos Direitos Especiais de Saque:** novo impulso à internacionalização da moeda chinesa?. UFPE, 2018. ISBN 9788541510622.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of western modernity: Global futures, decolonial options.** Duke University Press, 2011.

MOURA, Henrique; PATRICIO, Maria Luiza. **BRICS+: novos países, novas dúvidas.** Vitória: Revista Pet Economia Ufes, 2024. p. 11-14, v. 4.

PEREIRA DA SILVA, Fabricio. **A ideia de Sul: Olhares desde o Sul Global acerca do seu sentido.** Santiago de Chile: [s. n.], 2024.

PIEPER, Oliver. **BRICS expansion plans: US, Germany remain relaxed.** Disponível em: <https://www.dw.com/en/brics-expansion-united-states-germany-reactions/a-66636169>. Acesso em: 14 jan. 2025

SANDI, Glória M. **Desdolarização e Balança de Poder no Sistema Internacional: China e Rússia confrontam a hegemonia dos Estados Unidos.** Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Gloria-Sandi-2/publication/364818621_Desdolarizacao_e_Balanca_de_Poder_no_Sistema_Internacional_China_e_Russia_confrontam_a_hegemonia_dos_Estados_Unidos/links/635bcb9a6e0d367d91d55d7a/Desdolarizacao-e-Balanca-de-Poder-no-Sistema-Internacional-China-e-Russia-confrontam-a-hegemonia-dos-Estados-Unidos.pdf. Acesso em: 13 jan. 2025.

SESSA, Amanda Lourenço; OBREGÓN, Marcelo F. Quirogon. **As consequências da saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris sob a perspectiva da proteção ambiental no âmbito internacional.** *Derecho y Cambio Social*, n. 62, 2020. Disponível em: https://www.derechoycambiosocial.com/revista062/Las_consecuencias_de_la_salida_de_los_EEUU.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

SHOJI, Tomotaka. **US-ASEAN Relations under Trump 2.0: Concerns Outweigh Expectations.** Sasakawa Peace Foundation, 2025. Disponível em: https://www.spf.org/iina/en/articles/shoji_22.html. Acesso em: 22 jan. 2025.

SIDDIK, Kalin. **The BRICS expansion and the end of Western economic and geopolitical dominance.** The World Financial Review. Disponível em: <https://worldfinancialreview.com/the-brics-expansion-and-the-end-of-western-economic-and-geopolitical-dominance/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

STREMLAU, John J. **An early diagnosis of Trump's impact on US-Africa relations and on sustainable democracy in the US and Africa.** South African Institute of International Affairs, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep25887>. Acesso em: 22 jan. 2025.

STUENKEL, Oliver. **A crise financeira, a contestação da legitimidade e a gênese da cooperação intra-BRICs (2006-2008).** In: BRICS e o futuro da ordem global. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: https://www.amazon.com.br/?&tag=hydrbrabk-20&ref=pd_sl_7rwd1q78df_e&adgrpid=155790195778&hvpones=&hvptwo=&hvadid=677606588104&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=1867480933531683435&hvqmt=e&hvdev=c&hvdcmdl=&hvlocint=&hvlocphy=9101272&hvtargid=kwd-10573980&hydadcr=26346_11691057&gad_source=1. Acesso em: 6 jan. 2025.

THINK BRICS. *Emmanuel Macron's intent to attend.* 22 jun. 2023. Disponível em: <https://thinkbrics.substack.com/p/emmanuel-macrons-intent-to-attend>. Acesso em: 19 jan. 2025.

TRUMP, Donald. Just had a wonderful conversation with the new President of Mexico, Claudia Sheinbaum Pardo. She has agreed to stop Migration through Mexico, and into the United States, effectively closing our Southern Border. We also talked about what can be done to stop the massive drug inflow into the United States, and also, U.S. consumption of these drugs. It was a very productive conversation! [S.I.], 27 nov. 2024. 21:13. Truth Social: @realDonaldTrump. Disponível em:

<https://truthsocial.com/@realDonaldTrump/posts/113557687421746022>. Acesso em: 21 jan. 2025.

TRUMP, Donald. Platform. Disponível em: <https://www.donaldjtrump.com/platform>. Acesso em: 10 jan. 2025.

UNITED NATIONS. **UN Comtrade Database**. Disponível em: <https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=76&Reporters=841&period=recent&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus>. Acesso em: 13 jan. 2025.

UNITED States. Department of Commerce. **U.S. Energy Trade Dashboard**. Trade.gov, 2025. Disponível em: <https://www.trade.gov/data-visualization/us-energy-trade-dashboard>. Acesso em: 21 jan. 2025.

VALDÉS, Alfonso Casanova. La desdolarización, una batalla geopolítica y geoeconómica entre Estados Unidos y los países BRICS. **Revista Política Internacional**, v. 6, n. 2, p. 91-106, 2024.

WILLIAMS, Aime. *Trump threatens Brics nations with 100% tariffs if they undermine dollar*. *Financial Times*, Londres, 30 nov. 2024. Disponível em: <https://www.ft.com/content/18b3d51d-1e4b-4189-bae2-c31248b6526b>. Acesso em: 12 jan. 2025.

World Trade Organization. **World Trade Statistical Review 2023**. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/publications_e/wtsr_2023_e.htm. Acesso em: 25 de mar. 2025.